



BIFOBIA E HETERONORMATIVIDADE NA ESCOLA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Beatriz Pereira Gomes ¹
Camila Siqueira Cronemberger Freitas ²

RESUMO

Esta pesquisa, de Abordagem Qualitativa do tipo Revisão de Literatura, tem como problema central uma discussão sobre a Bissexualidade e as consequências da Bifobia no ambiente escolar. Utilizou-se como base de dados Scielo, Lilacs, Medline, BIREME. A identificação e seleção de produções científicas deu-se em acordo com os seguintes descritores: “Bifobia”, “Bissexuais”, “Bissexualidade”, “Heteronormatividade”, “Escola”, “Educação”, “Ambiente escolar”; e critério de produções científicas nacionais publicadas entre 2008 e 2018. Após um primeiro levantamento não identificamos pesquisas que satisfizessem os critérios. Diante disso, realizou-se um segundo. Ampliou-se as bases de dados e adicionou-se as bases ERIC e Taylor & Francis. Nessa segunda análise, utilizou-se como descritores: *bisexuality*, *bisexual* e *school*. Obteve-se 7 (sete) artigos que se adequaram a pesquisa. Para a análise de dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin. Assim, definiu-se três categorias: : a) Não queremos ensinar as pessoas a contrair AIDS”: Bissexualidade, Professores e Currículo Escolar; b) “Eles costumavam dizer que eu era um pedaço de sujeira”: Saúde/Segurança Física e Mental de estudantes Bissexuais; c) “Eles estão confusos”: Estratégias e métodos para uma *Bi-intervenção* na Escola. O silêncio e a ausência de escrita sobre o assunto, reverberam a invisibilidade da Bissexualidade, o que se mostra como uma das faces da Bifobia e da Heteronormatividade na escola. É urgente a ampliação do debate sobre Bissexualidade nas Escolas, haja vista que a Educação pode ser um meio de transformação social e um local privilegiado para uma *BI-Intervenção*.

Palavras-chave: Bissexualidade, Bifobia, Heteronormatividade, Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

As temáticas de gênero e sexualidade ainda se constituem tabus na nossa sociedade, o que corrobora com a violência e preconceito destinado às pessoas LGBTQI+. No ano de 2018, conforme relatório anual do Grupo Gay da Bahia - GGB, morreram 420 LGBTQI+ vítimas da homofobia. Destes, 8 (2%) eram bissexuais. Enquanto que em 2017, registraram-se 445 mortes de LGBTQI+ (número recorde em 39 anos).

Ao passo que em 2016, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT, divulgou um relatório sobre as experiências relacionadas à sexualidade e/ou identidade de gênero de estudantes gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis no ambiente educacional brasileiro. Dos dados obtidos, ressaltamos os seguintes:

1 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Bolsista Voluntária PIBIC – UESPI, abpgomes2@gmail.com;

2 Professora orientadora: Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, professora da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, camilasiqueirapsi@gmail.com;



73% foram agredidos/as verbalmente por causa de sua orientação sexual; 27% dos/das estudantes LGBTQI+ foram agredidos/as fisicamente por causa de sua orientação sexual; apenas 8,3% dos/das estudantes afirmaram que o regulamento da escola tinha alguma disposição sobre orientação sexual, identidade/expressão de gênero, ou ambas; 60% se sentiam inseguros/as na escola no último ano por causa de sua orientação sexual. Além disso, do total de participantes, 22% se identificavam enquanto bissexual ou pansexual.

Para Foucault (2017) o saber pedagógico é usado como arma no processo de transformação dos indivíduos, de modo que a instituição escola é fundada para manter uma estrutura de dominação já posta. Assim, torna-se fundamental compreender como a *História da Sexualidade* está associada ao saber-poder e como isso se desencadeia na docilização dos corpos dentro da escola, a ponto de criar-se uma categoria, denominada de Heteronorma, para explicar as normatizações sexuais e identitárias da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003). Ademais, a Pedagogia da Sexualidade revela que a escolarização do corpo e a produção de masculinidade e feminilidade são marcas do disciplinamento dos corpos, o qual legitima o reforço de discriminações e de preconceitos de gênero e sexualidade (LOURO, 2016).

Dentre as letras que compõe às sexualidades, focaremos, nesta pesquisa, no “B” de *Bissexual*. Isso se explica devido a inquietude causada nas pesquisadoras pelas estatísticas e pela ausência de pesquisas nacionais sobre a temática da bissexualidade e/ou das monodissidências. Pois, conforme Lewis (2012), a Bissexualidade é muitas vezes mencionada superficialmente e tida como uma união ou complemento das outras identidades (“gays e bissexuais”, “lésbicas e mulheres bissexuais”). Nos Estudos LGBT e Queer, é frequentemente mencionada só como parte de uma lista de sexualidades ou uma simples sigla ou letra do alfabeto, sem haver uma análise profunda e direcionada para a mesma. Assume-se assim, como uma sexualidade invisível, seja pela perspectiva da heteronormatividade ou dos estudos de Gênero e Sexualidade.

Destarte, esta pesquisa, inserida nos estudos de Gênero, Sexualidade e Educação, tem como problema central uma discussão sobre a Bissexualidade e as consequências da Bifobia no ambiente escolar. Para isso, temos como questão norteadora: O que aponta a literatura acerca da Bifobia e Heteronormatividade e sua presença no contexto escolar?

Objetivou-se apreender sobre as marcas expressivas que a escola deixou em pessoas bissexuais, a partir da revisão de literatura. Pois entende-se que a análise de produções científicas é necessária para o avanço das discussões sobre LGBTfobia na Escola e para a

promoção dos Direitos Humanos no Brasil. Para isso, tem-se como objetivo geral: analisar o que aponta a literatura acerca da temática Bifobia e Heteronormatividade no ambiente escolar. E como objetivos específicos: compreender bifobia e heteronormatividade na escola a partir da literatura; discutir sobre a heteronormatividade no ambiente escolar e como esta implica no desenvolvimento dos discentes, baseando-se na literatura especializada; e, investigar, com base na literatura, estratégias de enfrentamento da Bifobia e Heteronormatividade no ambiente escolar.

A pesquisa torna-se relevante diante da urgência de discussões críticas de gênero e sexualidade nas Escolas, que combata os retrocessos nas políticas de gênero e sexualidade implantadas pelo atual Governo, de forma a romper com a discriminação, a violência e a marginalização das identidades sexuais que vão de encontro à cis-heteronormatividade. Para isso, torna-se necessário, também, validar a bissexualidade enquanto categoria útil e transformadora para os estudos de Gênero e Sexualidade, desconstruir o binarismo sexual e dialogar sobre bifobia. Entendemos também que a escola pode e deve ser enxergada como um ambiente de emancipação dos sujeitos, para isso torna-se necessário que o ato de educar seja voltado para a liberdade e autonomia dos educadores e educandos (FREIRE, 1987) e o quanto é importante aprender a transgredir as estruturas normatizantes da escola para se romper com a discriminação, seja ela étnico-racial, de classe, gênero, sexualidade (HOOKS, 1994).

METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de Abordagem Qualitativa do tipo Revisão de Literatura, a qual se utiliza das diversas contribuições de autores sobre determinado assunto, portanto é desenvolvida a partir de material já elaborado (GIL, 2009). De modo a identificar e compreender o que as pesquisas tem produzido acerca das questões sobre Bissexualidade no ambiente escolar, o banco de dados utilizado nas buscas foi a biblioteca virtual que abrange as bases de dados: La Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific ElectronicLibrary Online (Scielo), National Library of Medicine (Medline), Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME), Taylor & Francis, Education Resources Information Center (ERIC), Livros, Monografias, Dissertações e Teses que tratem do tema nos últimos dez anos (2008 a 2018). A Identificação e seleção de produções científicas deu-se em acordo com os seguintes descritores: “Bifobia”, “Bisexuais”, “Bissexualidade”, “Heteronormatividade”, “Escola”, “Educação”, “Ambiente escolar”.

Inicialmente, os critérios de inclusão no estudo foram: produções científicas nacionais que abordem a temática da Bifobia e Heteronormatividade no ambiente escolar, publicados entre 2008 e 2018. Os critérios de exclusão considerados foram: produções científicas com idioma diferente do português, títulos que não condizem com os descritores e todas as publicações que não atendiam os critérios de inclusão.

Contudo, após um primeiro levantamento de dados nas bases Scielo, Lilacs, medline, BIREME, não se identificou nenhuma pesquisa com temática voltada especificamente para a Bissexualidade no contexto escolar. Das que mencionaram a bissexualidade, esta aparecia somente como uma palavra em meio ao LGBTcdário ou estava associada a “gays” ou a “lésbicas”. Não sendo tratada enquanto categoria sexual autônoma.

Diante disso, realizou-se um segundo levantamento. Entendendo que a categoria *bissexual* teve origem nos Estados Unidos, passou-se a procurar artigos científicos em inglês, haja vista que a possibilidade de encontrar algo relativo à temática seria aumentada. Assim, ampliou-se as bases de dados e adicionou-se ERIC e Taylor & Francis, que fazem parte da biblioteca virtual na língua inglesa. Para essa segunda análise, utilizamos as palavras-chave: *bisexuality*, *bisexual* e *school*.

Os dados provenientes da leitura dos artigos selecionados foram catalogados em um quadro com as seguintes categorias: Autor, Título, Ano, Base de Dados, Metodologia, Objetivos, Análise de Dados, Resultados e Conclusões. Para a análise de dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin, a qual resulta de testes de associação de palavras e objetiva estudar os estereótipos sociais partilhados pelos membros de um determinado grupo, aplicando-o a uma amostra. A Análise de Conteúdo subdivide-se em: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com as inferências e interpretações. A partir da análise de conteúdo dos artigos e da elaboração minuciosa da planilha, explorou-se três categorias: a) “Não queremos ensinar as pessoas a contrair AIDS”: Bissexualidade, Professores e Currículo Escolar; b) “Eles costumavam dizer que eu era um pedaço de sujeira”: Saúde/Segurança Física e Mental de estudantes Bissexuais; c) “Eles estão confusos”: Estratégias e métodos para uma *Bi-intervenção* na Escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca realizada na base de dados ERIC, encontrou-se 433 artigos e, na base de dados Taylor & Francis, 48 resultados. Perfazendo um total de 481 textos. Por meio da leitura

dos resumos dos artigos obtidos nesse processo, selecionou-se os artigos que se referiam à Bifobia no Ambiente Escolar ou à temática da Bissexualidade nas Escolas, excluindo-se aqueles que focaram em outras sexualidades, por exemplo. Dos 481 artigos obtidos, identificou-se 7 (sete) que correspondiam aos critérios. Desses, 2 (três) são da base de dados ERIC e, 5 da Taylor & Francis.

O Quadro 1 mostra os artigos selecionados com numeração fictícia, que será mencionada no decorrer da discussão. Os artigos selecionados, embora tratem da Bissexualidade e Heteronormatividade, interseccionam-as com demais temáticas, tais como: gênero, raça/etnia e saúde. As pesquisas foram realizadas em diversos países de língua inglesa: Nova Zelândia, Austrália, África do Sul e Reino Unido.

Quadro 1 – Estudos selecionados

	Autor	Ano	Título	Base de Dados
1	MCALLUM, Mary-Anne.	2017	<i>Young bisexual women's experiences in secondary schools: "Not everyone's straight so why are they only teaching that?"</i>	ERIC
2	MORRISA, Max; MCCORMACKA, Mark; McCormacka; ANDERSONB, Eric.	2014	<i>The changing experiences of bisexual male adolescents.</i>	ERIC
3	FRANCIS, Dennis A.	2017	<i>"I think we had one or two of those, but they weren't really": Teacher and Learner Talk on Bisexuality in South African Schools.</i>	Taylor & Francis
4	ELIA, John P.	2010	<i>Bisexuality and School Culture: School as a Prime Site for Bi-Intervention.</i>	Taylor & Francis
5	ELIA, John P.	2014	<i>Bisexuality and Schooling: Erasure and Implications for Health.</i>	Taylor & Francis
6	JONES, Tiffany; HILLIER, Lynne. 2014. Taylor & Francis	2014	<i>The Erasure of Bisexual Students in Australian Education Policy and Practice.</i>	Taylor & Francis
7	KENNEDY, Kelly G; FISHER, Emily S.	2010	<i>Bisexual Students in Secondary Schools: Understanding Unique Experiences and Developing Responsive Practices</i>	Taylor & Francis

Fonte: Gomes e Freitas (2019)

a) “Não queremos ensinar as pessoas a contrair AIDS”: Bissexualidade, Professores e Currículo Escolar

“As jovens mulheres bissexuais no estudo foram confrontadas com tal despotismo, manifestando-se em comentários como a resposta que Polly recebeu quando perguntou ao seu professor de Saúde e Educação Física sobre a atração entre ambos os sexos. O seu professor respondeu: ‘Não queremos ensinar as pessoas a contrair AIDS e o sexo lésbico não existe’”. (McAllum, 2017, p 12, tradução nossa)³

3 “Young bisexual women in the study were confronted with such despotism, manifesting in comments such as the response Polly received when she asked her male HPE teacher about both-sexes attraction. Her teacher replied ‘we don’t want to teach people how to get AIDS, and lesbian sex doesn’t exist’.” (McAllum, 2017, p 12)

No artigo 1, McAllum (2017), identifica a cultura escolar como não inclusiva: professores despreparados para discutir educação sexual e relutância dos mesmos em discutir identidade sexual, incluindo bissexualidade. Isso se dá, conforme a autora, pela predominância de professores de educação física não capacitados para ministrar as aulas de educação sexual. As situações e experiências estão voltadas para relatos de jovens mulheres bissexuais em escolas secundárias, por isso, a autora toma como base para análise a Teoria Feminista Bissexual e passa a denominar o tipo de opressão sofrida por essas jovens como *Bi-Misoginia* (ódio/preconceito contra mulheres bissexuais). Além disso, os professores de todas as disciplinas podem aprender mais sobre as formas como as jovens mulheres bissexuais experimentam o falso reconhecimento bissexual, a heteroconformidade e outras práticas de exclusão na escola. Entende-se como heteroconformidade “a pressão silenciosa da cultura heterossexual hegemônica para assimilar e comportar-se como heterossexual” (MCALLUM, 2017, p 5, tradução nossa).

O artigo 3, na narrativa dos professores, a bissexualidade é construída como “fora de controle” através de uma mistura discursiva de “risco” (doenças sexualmente transmissíveis, uso de álcool e outras drogas) e um discurso de abstinência. A invisibilidade e o apagamento foi prevalente nas narrativas dos professores. Para os mesmos, os jovens bissexuais “estão confusos” ou “à procura de atenção” ou estão em “uma fase”. Conforme o autor, a Bissexualidade assume o estigma da visibilidade excedente:

“DePalma e Atkinson (2006), p. 342), tomando como referência Patai (1992), usa o conceito 'superávit de visibilidade' para descrever a percepção de excesso e exagero sempre que as minorias se tornam visíveis. As minorias, incluindo sexualidades, devem permanecer invisíveis e, quando tornam-se visíveis, são marcadas com o estigma da visibilidade excedente. Para Patai (1992, pp. 35-37), a visibilidade adicional tem dois aspectos. O primeiro é quando o grupo resiste à expectativa de que eles devem ser invisíveis e são construídos pelo grupo dominante como “alto e ofensivo”. O segundo é quando os grupos minoritários são visíveis; eles são vistos como um símbolo desse grupo e raramente como um indivíduo. Esse é especialmente o caso quando estereótipos ou julgamentos negativos são enfatizados. Não existe um “meio termo” para as minorias. As opções disponíveis para eles são invisibilidade e visibilidade excedente.” (FRANCIS, 2017, p 208, tradução nossa)⁴

4 “DePalma and Atkinson (2006, p. 342), borrowing from Patai (1992), use the concept ‘surplus visibility’ to describe the perception of excess and exaggeration whenever minorities become visible at all. Minorities, including sexuality, are expected to remain invisible, and when they appear visible, they are marked with the stigma of surplus visibility. For Patai (1992, pp. 35–37), surplus visibility has two aspects. The first is when minority groups resist the expectation that they should be invisible and are constructed by the dominant group as “loud and offensive.” The second is when minority groups are visible; they are viewed as a token of that group and rarely as an individual. This is especially the case when negative stereotypes or judgments are emphasized. There is no “middle ground” for minorities. The choices available to them are invisibility and surplus visibility.” (FRANCIS, 2017, p 208)

Para os cinco jovens bissexuais entrevistados, a bissexualidade é conceituada como baseada na identidade. Eles querem ser reconhecidos, refutam e são críticos diante das referências à bissexualidade feitas pelos professores. Também é afirmado que o ambiente da sala de aula, por parte dos estudantes, sugere interesse e abertura à aprendizagem sobre sexualidades não normativas, incluindo a bissexualidade.

O artigo 4, faz análise do status da sexualidade nas escolas com foco específico no currículo (por exemplo, educação sexual e currículo geral) e atividades extracurriculares (Alianças Gay-Hétero, as quais persistem no Hétero-Homo e invisibilizam a Bissexualidade e outras sexualidades que não se enquadram no binário). Em relação à bissexualidade, houve uma ausência e um silêncio no currículo escolar e em outros aspectos da escolaridade. O autor, traz aqui, a categoria *Binegatividade* como um semelhante da Bifobia.

“As escolas são um microcosmo do que transparece no contexto social mais amplo. As escolas têm sido hostis a jovens de minorias sexuais, incluindo bissexuais [...] Especificamente em relação à bissexualidade, houve uma ausência e até um silêncio no currículo escolar e em outros aspectos da escolaridade. Maus-tratos sexuais a juventude minoritária nas escolas por outros escolares, além de o silêncio curricular e extracurricular sobre a bissexualidade, são forças negativas confrontando a juventude bissexual.” (ELIA, 2010, p 455, tradução nossa)⁵

b) “Eles costumavam dizer que eu era um pedaço de sujeira”: Saúde/Segurança Física e Mental de estudantes Bissexuais

No Artigo 2, a maioria dos participantes teve experiências positivas nas escolas que frequentavam. Descreveram um processo rico de “saída do armário”, sendo aceitos por amigos e uma escola inclusiva, principalmente aqueles que moravam em zona urbana. Dois relataram ter sofrido assédio constante e que o problema só cessou quando saíram da escola. E três participantes foram estigmatizados por causa de sua bissexualidade.

“Eles costumavam dizer que eu era um pedaço de sujeira, então eu merecia estar no chão. Eles não queriam me conhecer mais. Eles pensaram que eu era como uma espécie de aberração” (MORRISA; MCCORMACKA; ANDERSONB, 2014, p 408, tradução nossa). Embora a maioria dos participantes tenha relatado boas experiências, falas de carinho e apoio dos pares lésbicas e gays e dentro do ambiente escolar, alguns, como na fala supracitada,

5 “Schools are a microcosm of what transpires in the broader societal context. Schools have been hostile to sexual minority youth, including bisexuals, as evidenced by the results of a recent nation-wide empirical study. Specifically regarding bisexuality, there has been an absence and even silence in the school curriculum and in other aspects of schooling. Mistreatment of sexual minority youth in schools by other school-aged individuals, in addition to the curricular and extracurricular silence about bisexuality, is negative forces confronting bisexual youth.” (ELIA, 2010, p 455)

ainda sentem os aspectos da *carga bissexual*, que para os autores do texto é um termo que reconhece as complexidades dos preconceitos e discriminações que envolvem a Bissexualidade.

De acordo com Elia (2014), autor do artigo 5, e demais autores, existem muitos termos que refletem o desconforto e desprezo pela bissexualidade, como a *bifobia*, *bi-exclusão*, *bi-negatividade*, *bi-apagamento* e *preconceito sexual*. Para o autor, Bissexuais têm a saúde física, social, mental-emocional, intelectual, espiritual e ocupacional fragilizadas. De modo que as hierarquias sexuais que se mostram nas escolas promovem o adoecimento das minorias sexuais: bissexuais, transexuais e intersexuais. Torna-se, portanto, responsabilidade ética das escolas cuidar da saúde e bem-estar de todos os estudantes.

Artigo 6 discorre sobre a falta de menção direta da bissexualidade e o quanto isso afeta os estudantes. Estes sentem-se inseguros e expressaram um desejo de ter a sexualidade representada mais explicitamente em discussões, esforços de educação sexual, e mensagens políticas na escola.

c) “Eles estão confusos”: Estratégias e métodos para uma *Bi-intervenção* na Escola

Os sete artigos apresentam estratégias e métodos de enfrentamento à Bifobia e à Heteronormatividade nas escolas, para isso destacamos a noção de confusão apresentada no Artigo 3. Para os estudantes entrevistados e para Francis (2017), a confusão mediante a Bissexualidade está localizada nos bifóbicos: “jovens bissexuais localizam a ‘confusão’ e ‘mal-entendido’ por parte do bifóbico” (FRANCIS, 2017, p 2015, tradução nossa), isto é, são eles que não compreendem uma sexualidade que está fora do binário monossexual e acabam atribuindo às pessoas dissidentes uma confusão mental ou sexual, uma indecisão.

“Eles são críticos e resistem ao que está sendo dito sobre o posicionamento deles como ‘confuso’ e ‘incompreendido’, ‘mas você sai da sala de aula e é bombardeado com versículos da Bíblia e pessoas dizendo que você está indo para o inferno, o que apenas torna isso impossível ... Eles estão confusos.’ (Pretorius, WMB / G18)” (FRANCIS, 2017, p 215, tradução nossa)⁶

Como forma de amenizar essa confusão, o artigo 1, sugere que sejam realizados cursos baseados nas realidades e demandas estudantis. Os quais podem incluir literatura bissexual e recursos de ensino específicos na formação de professores, oferta de currículo de educação

6 “They are critical of and resist what is being said about positioning them as “confused” and “misunderstood,” “But then you go outside of the classroom, and you get bombarded with Bible verses and people telling you’re going to hell, which just makes it impossible.... They are confused. (Pretorius, WMB/G18)” (FRANCIS, 2017, p 215)

em saúde, incluindo educação sexual. O artigo 5, inclui, ainda: oportunidades em serviço para professores, administradores, conselheiros, enfermeiros, e outro pessoal da escola para resolver a questão do apagamento bissexual; Renovação curricular para integrar a bissexualidade no currículo; Criar um clube ou organização com bissexualidade em seu nome; criar políticas escolares que envolvam tolerância e respeito; Trazer recursos comunitários relacionados à bissexualidade nas escolas e / ou levar os alunos para a comunidade, além do limites das escolas.

O artigo 3, acrescenta que a formação de professores é ideal para uma perspectiva que fuja do binário e compreensão das diversas sexualidades. É também importante explorar como a bissexualidade é construída e implantada nos currículos e reconhecer exemplos de boas práticas de ensino que perturbam a heterossexualidade compulsória nas escolas.

O artigo 4, apresenta os programas de zona de segurança escolar, os quais tem o propósito de criar um ambiente seguro, solidário e acolhedor para as relações sexuais e estudantes de minorias. E indica como facetas da inclusão: aproximar o diálogo com pais, livros LGBissexualTQ nas bibliotecas, mudança curricular, envolvimento com a comunidade, criação de grupos estudantis que foquem na bissexualidade.

Além disso, cabe aos professores assumir um compromisso com a educação democrática e anti-opressiva, pois ensinar sobre bissexualidade se torna uma intervenção, já que permite uma compreensão das potências do gênero e da sexualidade. Para isso, também

“é fundamental saber que nem todos os bissexuais experimentam o mundo da mesma forma. Um jovem bissexual branco de classe média alta é fisicamente apto a ter experiências diferentes do que um homem bissexual latino-operário. Mesmo que ambos se identifiquem como bissexuais, suas visões de mundo provavelmente são diferentes, dado não apenas por questões de classe socioeconômica, localização social, raça e assim por diante, mas também como eles experimentaram privilégios e / ou opressão. [...] É fundamental que vários vetores (por exemplo, raça, classe, sexualidade, gênero, habilidade, etc.) sejam marcados e que um esforço consciente comece a desfazer a opressão, a invisibilidade, as injustiças, as desigualdades não só de jovens bissexuais, mas de outras populações vulneráveis em todo o contínuo sexual e de gênero. Um bom lugar para começar tais esforços seria interrogar a branquitude na cultura escolar. (ELIA, 2010, p 462, tradução nossa)⁷

Conforme o artigo 6, a bissexualidade é mencionada indiretamente, ou de forma alguma, na maioria das políticas educacionais australianas e legislação. Para JONES;HILLIER (2014), as melhores formas de influenciar a educação são políticas

7“[...] it is critical to know that not all bisexuals experience the world in the same way. An upper middle-class, able-bodied White bisexual young man is likely to have different experiences than a working-class Latino bisexual male. Even though they both self-identify as bisexual, their worldviews will likely be different given not only issues of socioeconomic class, social location, race and so on, but also how they experienced privilege and/or oppression. [...] It is critical that various vectors (e.g., race, class, sexuality, gender, ability, etc.) be marked and that a conscious effort to begin to undo oppression, invisibility, injustices, inequities of not only bisexual youth, but of other vulnerable populations across the sexual and gender continua. (ELIA, 2010, p 462)

internacionais para nomear a bissexualidade enquanto categoria “protegida”, advogando-se junto a entidades governamentais.

Já o artigo 7, traz para além das demais estratégias que já foram elencadas pelos demais autores, a urgência de pesquisas sobre impactos de práticas voltadas para jovens bissexuais. Esses estudos devem incluir estudantes bissexuais como população única com suas próprias necessidades. Sendo fundamental o registro dessas práticas para que se possa desenvolver um corpo de pesquisa para nortear essa temática.

Destarte, enfatizam a necessidade das pessoas Bissexuais (estudantes, professores e sociedade civil) estarem envolvidas e serem consultoras diretas em qualquer trabalho na área, para que possam melhor identificar políticas necessárias e terem poder de voz e autonomia nas decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificou-se que a bissexualidade é tida somente como uma palavra em meio ao LGBTQI+, não sendo mencionada enquanto categoria útil para análise, até mesmo quando esta é citada nos títulos dos artigos. Estando sempre acompanhada das outras sexualidades: homens gays e bissexuais/mulheres lésbicas e bissexuais.

No que diz respeito às bases de dados internacionais consultadas, a temática da bissexualidade associada à educação também é escassa, pois obtivemos somente 7 (sete) artigos que se adequaram a pesquisa. O silêncio e a ausência de escrita sobre o assunto, reverberam a invisibilidade da Bissexualidade, o que mostra-se como uma das faces da *Bifobia (Bi-apagamento, Bi-invisibilidade, Bi-exclusão, Bi-misoginia, Bi-negatividade)* e da *Heteronormatividade* na escola. Esta última, possui alguns sinônimos, tais quais “heteroconformidade” e “heterossexualidade compulsória”.

Conforme a literatura, a heteronorma é um dos fatores que ocasionam na omissão dos discursos sobre minorias sexuais nas escolas, principalmente nos currículos escolares. Pois, a educação sexual é ensinada a partir de uma ótica cisheterossexual e a sociedade caracteriza a sexualidade em termos monossexuais. Isso possibilita dentro do ambiente escolar, um sentimento de insegurança, exclusão, violência física/psicológica e apagamento de jovens LGBTQI+, em especial de Bissexuais, Transgêneros, Intersex e Queer.

Observou-se com base na revisão, também, a falta de capacitação dos professores nas temáticas relativas à educação sexual, sexualidade, identidade de gênero e orientação sexual.

O que corrobora nas reproduções de Bifobia dentro de sala de aula, ao caracterizar essa sexualidade como: “uma fase”, “indecisão”, “confusão”, “promiscuidade”, “hiperssexualização”, “risco para doenças sexualmente transmissíveis”, “consumo de álcool e outras drogas”, etc.

É urgente a ampliação do debate sobre Bissexualidade nas Escolas, haja vista que a Educação pode ser um meio de transformação social e um local privilegiado para essa uma BI-Intervenção: Torna-se necessário o investimento em pesquisas quali-quantitativas nacionais que versem sobre a Bissexualidade e Monodissidências de modo a produzir dados para que sejam feitas Políticas Públicas específicas para a população, assim como deve-se investir em uma capacitação de educadores que fuja à cisheteronorma e não reproduza os padrões de exclusão e violência social. Para isso, a bissexualidade deve ser incluída integralmente nos currículos e nos contextos extracurriculares, de modo a também produzir saúde para os estudantes bissexuais.

REFERÊNCIAS

ABGLT- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. CAVALCANTI, Camila Dias.

Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. RESENHA, Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em: < <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf> > . Acesso em: 05 abr. 2018.

ELIA, John P. **Bisexuality and Schooling**: Erasure and Implications for Health. Journal of Bisexuality, 14:1, 36-52, 2014. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2014.872461>>. Acesso em: 10 mai 2019.

_____. **Bisexuality and School Culture**: School as a Prime Site for BiIntervention. Journal of Bisexuality, 10:4, 452-471, 2010. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2010.521060>>. Acesso em: 10 mai 2019.

FRANCIS, Dennis A. **“I think we had one or two of those, but they weren't really”**: Teacher and Learner Talk on Bissexuality in South African Schools. Journal of Bisexuality,

17:2, 206-224, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1326998>>.
Acesso em: 10 mai 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.
FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 6 ed. Rio de Janeiro:
Paz & Terra, 2017.

GGB – Grupo Gay da Bahia. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil**: relatório 2018.
Disponível em: <https://tribunahoje.com/wp-content/uploads/2019/01/Popula%C3%A7%C3%A3o-LGBT-morta-no-Brasil-relat%C3%B3rio-GGB-2018.pdf?x69597>.
Acesso em: 20 jun 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo:
WMF Martins Fontes, 2013.

JONES, Tiffany; HILLIER, Lynne. **The Erasure of Bisexual Students in Australian Education Policy and Practice**. *Journal of Bisexuality*, 14:1, 53-74, 2014. Disponível em:
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2014.872465>>. Acesso em: 10 mai 2019.

KENNEDY, Kelly Graydon; FISHER, Emily S. **Bisexual Students in Secondary Schools: Understanding Unique Experiences and Developing Responsive Practices**, *Journal of Bisexuality*, 10:4, 472-485, 2010. Disponível em:
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15299716.2010.521061>>. Acesso em: 10 mai 2019.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Não é uma fase”**: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBTQ que se identificam como bissexuais/ Elizabeth Sara Lewis; orientador: Líliliana Cabral Bastos – 2012

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MCALLUM, Mary-Anne. **Young bisexual women’s experiences in secondary schools: “Not everyone’s straight so why are they only teaching that?”**, *Sex Education*, 2017.

MORRIS, Max; MCCORMACK, Mark; ANDERSON, Eric. **The changing experiences of bisexual male adolescents**. *Gender and Education*, 26:4, 397-413, 2014. Disponível em:
<<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09540253.2014.927834>>. Acesso em: 10 mai 2019.